

Capítulo Um

O meu pai não teve o prazer de receber a sua própria ordem de despejo. Pelo contrário, veio para mim, uma entrega especial. Podia ler-se: «Será obrigado a deixar o apartamento...» e por um gélido instante pensei que era eu a ser posta na rua. Depois vi a assinatura do senhorio do meu pai, uma das almas mais bondosas do mundo. Que atrocidades o teriam levado a fazer isto? Imaginava a sua compreensão e paciência a tornarem-se desespero, o desencadear habitual de emoções que o meu pai – um homem paradoxal como ninguém – provocava nos outros. A renda por pagar, o apartamento apinhado de lixo, é obvio que dera a minha morada ao senhorio e fugira às responsabilidades. Nada de novo. Desde que me lembro, Tom Franks sempre fora uma lapa na minha vida.

Aquilo que faço pelo meu pai nunca teve importância, encontra sempre maneira de o sabotar. Contrato uma empregada de limpeza, ele despede-a. Arranjo os formulários para a pensão dos veteranos, ele nunca os entrega. Pergunto-lhe se quer que eu vá a Massachusetts para o ajudar a organizar-se e – para meu alívio – diz que não. No entanto, quando as coisas azedam, é a mim que ele recorre.

Durante anos, fechei os olhos. Uma trégua. Sem pedidos de ajuda. Sem telefonemas de credores. Ousaria eu sonhar que estava finalmente livre dele? Não, claro que não. À ordem de despejo seguiram-se mais avisos. A electricidade, o telefone e o gás estão prestes a ser cortados. Tem vivido num sítio horrível, onde há perigo de incêndio e riscos para a saúde, e a menos que vá salvá-lo, ele – o perfeito cavalheiro – irá viver para um abrigo da cidade.

Como pode um homem tão vigoroso, que aos oitenta anos ainda consegue ganhar torneios de tiro, não abrir o próprio correio? Como pode alguém que preza tão teimosamente a sua independência sujeitar-se a tamanho perigo?

Furiosa, agarro na minha filha de seis anos, Amy, deixando o meu marido e o meu filho, e conduzo de Nova Iorque até à casa do meu pai na pequena cidade de Milford, que fica a sessenta e quatro quilómetros a noroeste de Boston.

O meu pai abre a porta e dá-nos um forte abraço. Apesar de ser início de tarde, veste um roupão de banho azul, com tantos buracos que parece ter sido atingido por uma metralhadora. A barba por fazer alonga-lhe o queixo, o bonito cabelo castanho, agora desgrenhado, forma ângulos estranhos. Devo admitir que, mesmo com os joelhos pontiagudos a espreitar por baixo do roupão, há algo nele que transmite força. Mede 1,82 metros e é bem constituído, tem a testa e o queixo grandes, os olhos azuis lacrimejantes ampliados pelos óculos e um nariz romano que se deformou com a idade. O sorriso de meia-lua, sob o lábio superior que lembra o de um sapo, ilumina-lhe o rosto e inspirou comportamentos inadequados até mesmo na mais respeitável das mulheres.

— Oh, nem imaginam como é bom ver-vos — diz. Depois apressa-nos para a cozinha de forma ridiculamente galanteadora dadas as circunstâncias. Ao entrar no outro quarto toco-lhe de raspão, percorrendo um caminho estreito que vai do escritório até à sala e que é essencialmente um desfiladeiro delimitado por torres instáveis de caixas de cartão. Dói-me o coração ao ver as pilhas de jornais e os folhetos que cobrem todas as superfícies, excepto um pequeno espaço no sofá reservado ao seu traseiro recalitrante.

Põe-me as mãos nos ombros e leva-me rapidamente de volta à cozinha, tirando de cima de uma das cadeiras um monte de embalagens de comida.

— Não te queres sentar? — pergunta, empurrando-me a cadeira.

Já me tinha esquecido da sua personalidade cavalheiresca. Mesmo agora, não a perdeu. Sempre abriu as portas às mulheres de forma cerimoniosa e lhes cedeu prontamente o lugar. As palavras «por favor» e «obrigado» saem-lhe constantemente da boca. Ocorre-me então que estes floreados são para ele uma espécie de bálsamo, pois sente-se demasiado grato pela atenção que despertam.

— Por favor — insiste — deixa-me oferecer-te alguma coisa para beber.

— Não Pai, obrigada — respondo. O que poderia ele ter no frigorífico? Leite azedo? Sumo de laranja rançoso?

— Mãe — grita Amy, despejando uma caixa de Wheaties aberta que encontrou no balcão da cozinha — estão a mexer-se! Descobrimos outra meia dúzia de caixas de cereais abertas, cheias de orgulho. Em cima dos caixotes de cartão há um festival de sacos de plástico. Abro-os por curiosidade. No primeiro saco: lanterna, creme de barbear, pastilhas digestivas. No segundo saco: lanterna, creme de barbear, pastilhas digestivas. No terceiro saco: lanterna, creme de barbear, pastilhas digestivas. Vira o disco e toca o mesmo.

— Pai — suspiro voltando-me para o homem que está ali a sorrir distraidamente — o que se passou aqui? — estou quase a chorar. — Porque faz isto? Olhe! Veja só esta confusão!

Estica o pescoço como se fosse uma tartaruga. Olha para a direita, olha para a esquerda, olha para cima.

— Estás a falar de quê? — responde.

O meu pai, Thomas Edward Franks, filho único de uma família abastada, mas discreta, nasceu em Champaign, Illinois. O pai, um homem moralmente correcto, tinha uma companhia de seguros e foi presidente da Câmara. A mãe era uma pianista talentosa que perdeu o interesse pelo filho quando descobriu que ele não tinha ouvido para a música. Ele parecia não se importar. Estava demasiado concentrado em adquirir outro tipo de competências.

Aperfeiçoou a pontaria a disparar sobre marmotas e esquilos a pedido dos agricultores locais. Construiu um laboratório de química na cave e provocou explosões num terreno à beira da cidade até que a polícia de Champaign pôs termo à situação. Aos dezanove anos financiava os seus estudos na Universidade de Illinois, onde se licenciou em Química e Engenharia. A General Alloys, uma empresa de Chicago especializada em fundição de metais, reconheceu-lhe o talento e contratou-o assim que saiu da Faculdade.

Os meus pais conheceram-se algures em 1940, quando Tom se dirigiu ao balcão da Marshall Field onde Lorraine estava a vender meias de seda. A minha mãe dizia que ele era um bom partido: alto, bonito, esperto e reservado. Em Chicago, todas as colegas de quarto tentaram conquistá-lo, mas ela, aquela que se fazia de difícil, foi a única que conseguiu. Nascera numa família proeminente do médio-ocidente, os Swannell-Lavitts, que outrora possuía quase toda a cidade de Kankakee, em Illinois. Entre os seus antepassados estavam uma aia da Rainha Vitória, um bispo de Connecticut e um fabricante de chapéus de Londres. As pessoas descreviam-na como sendo bonita, de lábios carnudos, olhos azuis grandes e personalidade viva. Diziam também que era esperta, impiedosa e que sob a sua indiferença era extremamente perspicaz.

Casaram-se no dia 17 de Novembro de 1941. Em finais de 1942, Tom ingressou na marinha dos E.U.A. enquanto candidato a oficial e alguns meses mais tarde foi admitido como cadete. Depois da guerra batalhou para chegar a primeiro vice-presidente da General Alloys. Após anos de tentativas falhadas, nasci eu. Seis anos mais tarde tiveram a minha irmã, Barbara Penelope. Optando por um subúrbio elegante de Boston, a minha mãe levou-nos para um casarão estilo Tudor em Wellesley, Massachusetts.

Ela era o cérebro por detrás de meia dúzia de iniciativas de caridade. Alegre e divertida, distribuía presentes sem razão, oferecia ajuda a amigos sem pedir nada em troca e era em geral muito admirada. O meu pai, pelo contrário, era considerado um eremita, pois estava mais à vontade na cave, sentado à mesa de trabalho, do que a passear pelo circuito social. Contudo, dançava com elegân-

cia, era espectacular no charleston e acompanhava a minha mãe por toda a cidade. Participavam em eventos para a recolha de fundos, como Valentine Balls e Boston Pops, com vestidos de gala em chiffon, fraques e gravatas brancas, encantavam em jantares de Wellesley a Boston. A minha mãe liderava a Boston Opera Guild, sob a responsabilidade de Sarah Caldwell, e conseguiu que o marido entrasse em várias produções como figurante. Adorava contar a história de como ele, usando um chapéu de padre, vestes brocadas e carregando um grande crucifixo para uma encenação de Boris Godunov, tropeçou nos degraus e quase perfurou um bispo.

Anos depois, após a morte da Mãe, o Pai, então com sessenta anos e desempregado, deixou cair uma bomba em cima de mim e da Penny: quase não tinha um tostão. As finanças dos nossos pais estavam uma desgraça, já sabíamos isso, mas não sabíamos que a situação era tão grave. Tivemos de vender a nossa querida casa da infância e tivemos de o fazer rapidamente. Eu e Penny embalámos umas cem caixas que continham, não só os bens da casa, como também as lembranças de três gerações de avós maternos e paternos. Guardámos todos os botões de marfim, todas as travessas rachadas. Ao longo dos anos eu e a Penny esvaziámos algumas das caixas, mas muitas acompanharam inicialmente o meu pai até à sua pequena e nova casa perto de Hopkinton e mais tarde, quando a condição financeira se agravou ainda mais, acompanharam-no até este apartamento ainda mais pequeno, em Milford. À medida que me esgueiro por entre as caixas, tenho a sensação de que nunca chegou a abrir nenhuma.

Depois da nossa chegada, contrato rapazes das redondezas para limpar a maior parte da comida estragada, esfregar a cozinha e arrastar os jornais para a lixeira. O meu pai segue-os para todo o lado, berrando em protesto:

— Eu posso fazer isso sozinho! — sempre foi esse o seu mantra. Afastara quase toda a gente da sua vida com essa obstinação – a mulher, as filhas, os amigos e os colegas de trabalho. Fui forçada a tomar uma posição intolerável, a de uma resmungona, de quem ele tem de se esquivar, esconder, baixando-se e resistindo. Odeio ter aquela parte da minha mãe que tanto ele como eu detestávamos.